

**XIII Congresso Brasileiro de História Econômica e
14ª Conferência Internacional de História de Empresas**

Criciúma, 24, 25 e 26 de setembro de 2019



**MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIO:
GUARATINGUETÁ, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX**

Luciana Suarez Lopes

José Flávio Motta

MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIO: GUARATINGUETÁ, PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XIX

WOMEN HOME CHIEFS: GUARATINGUETÁ, FIRST HALF OF NINETEENTH CENTURY

Luciana Suarez Lopes¹

José Flávio Motta²

RESUMO

O presente artigo apresenta os primeiros resultados parciais de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito do HERMES & CLIO – Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica, do Departamento de Economia da FEA/USP. A partir da lista nominativa da vila de Guaratinguetá, em 1809, buscamos identificar as mulheres chefes de fogo da localidade, caracterizando-as com base nas informações disponíveis na fonte escolhida.

Palavras-chave: Guaratinguetá. Mulheres. Século XIX. Listas Nominativas.

¹ Professora do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ambos da Universidade de São Paulo.

² Professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, têm avançado muito o conhecimento que se tem sobre a nossa sociedade escravista. Todavia, ainda pouco estudadas são as dinâmicas envolvendo o elemento feminino naquele contexto. Subordinadas a seus maridos ou a aparentados do sexo masculino, as mulheres livres raramente assumiam posição de protagonistas na sociedade brasileira oitocentista, seja como chefes de domicílio ou até mesmo tutoras de seus próprios filhos numa eventual viuvez. Dessa forma, o presente projeto propõe a análise das mulheres chefes de fogo em localidades selecionadas na província de São Paulo durante a primeira metade do século XIX.

“Mulheres sem História” elos de uma memória possível de ser reconstruída nos manuscritos e depoimentos de seu tempo, não raramente penetravam nos espaços masculinos, se considerarmos como rígidos os papéis sociais concebidos para ambos os sexos. Para o homem o espaço público, o domínio e o sustento da família e para a mulher, o âmbito da casa e a condição de tutelada [...] (SAMARA, 1992, p. 170)

Em trabalho pioneiro publicado em 1992, Eni de Mesquita Samara, ao estudar as mulheres chefes de fogo na cidade de São Paulo, encontrou que dos 492 domicílios recenseados em 1827, 144 (29,3%) eram chefiados por mulheres. Dessas, 42 (29,2%) eram fiandeiras e 47 (32,6%) lavradoras. Ao encontrar além das fiandeiras mulheres livres e pobres, brancas e pardas, dedicadas ao desempenho de outras atividades ligadas ao comércio interno, Samara afirmou,

[...] ao que tudo indica, as mulheres geriam as economias domésticas e participavam ativamente do comércio. A sobrevivência ganhava espaço nas ruas, no vaivém constante das escravas ganhadeiras e das pardas e brancas pobres que ofereciam os seus serviços para a população. (Cf. SAMARA, 1992, p. 169)

Mas não foi somente em São Paulo que as mulheres compunham número considerável dos chefes de foto. Estudos desenvolvidos por Donald Ramos sobre Minas Gerais, mais

especificamente a localidade de Vila Rica no ano de 1804, identificaram que 45% dos chefes de fogo era do sexo feminino. (Cf. SAMARA, 1992, p. 170) Nas regiões mineradoras e naquelas novas regiões produtoras de gêneros de abastecimento após a decadência das minas, “[...] a presença de mulheres como chefes de família é significativa nos vários contextos econômicos, exceto em uma área em expansão.” (SAMARA, 1992, pp. 170-171)

Os resultados alcançados pelos estudos sobre a cidade de São Paulo e sobre as localidades mineiras seriam também válidos para as pequenas vilas e freguesias paulistas? Será que os mencionados resultados seriam encontrados também em cidades menores, com dinâmicas econômicas voltadas ao mercado interno e mais afastadas dos centros administrativos provinciais?

A fim de responder a essa questão, o presente artigo analisa a antiga vila de Guaratinguetá e seu conjunto de mulheres chefes de domicílio, identificando suas ocupações, estruturas familiares, a presença ou não de escravos em seus fogos além de outras informações disponíveis na documentação selecionada: as listas nominativas de habitantes.

A GUARATINGUETÁ DA LISTA NOMINATIVA DE 1819

A vila de Guaratinguetá é uma das mais antigas povoações da capitania de São Paulo. Fundada em data incerta ainda na década de 1560, a localidade teve como primeiros moradores migrantes vindos por conta da extinção da vila de Santo André da Borda do Campo, primeira povoação brasileira fundada no planalto paulista.³ A partir daí, conforme se expande a ocupação do território paulista, a região valeparaibana vai observando, ainda que num ritmo lento, seu adensamento populacional. (Cf. HERRMANN, 1986, p. 16)

³ A povoação de Santo André da Borda do campo foi fundada por João Ramalho em data incerta, provavelmente durante a década de 1550. Elevada à categoria de vila por Tomé de Souza em abril de 1553, foi extinta pouco tempo depois. No início da década de 1560, contava com menos de trinta moradores brancos, que solicitaram a Mem de Sá que extinguisse a vila e os transferisse para a São Paulo de Piratininga. (ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL, 2007, p. 2)

As primeiras construções da vila datam da década de 1630, quando uma pequena igreja feita de taipa e coberta de palha foi construída. No início do século XVIII, a igreja passou por duas ampliações. Na primeira foi construída e anexada a ela a confraria de Santo Antonio de Guaratinguetá e na segunda a ela foi incorporada a irmandade do Santíssimo Sacramento. Em 1775, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos indica já existir na vila uma população escrava já numerosa, ainda que os recenseamentos populacionais não mencionem isso de forma clara.

Embora auxiliados por senhores de terras, que doam à igreja “cem braças de terras de testada e cem de sertão além do Paraíba que partem principiando de uma banda do ribeirão Guará” os pretos de Guaratinguetá foram os principais contribuintes para a construção e manutenção da igreja, como afirma o vigário de então: - “é pequena e do presente andam os pretos a querer fazer o corpo da capela servir de Capela Mor” (HERRMANN, 1986, p. 19)

Segundo o Livro do Tombo da Matriz, por volta de 1757, Guaratinguetá possuía aproximadamente 576 fogos, onde viviam cerca de trezentas pessoas. Zona ainda de fronteira, sua população, assim como o número de fogos registrados pelo vigário, variava de ano a ano. Em 1775, o número de famílias alcançou 675, e o de habitantes 3.945. (Cf. HERRMANN, 1986, p. 20 e 28)

Nesse período, a ocupação da terra tinha como base a pequena propriedade policultora, estrutura em boa medida condicionada às dificuldades de exploração de uma região distante de núcleos populacionais mais dinâmicos, zona de fronteira ainda marcada por perigos, com escassez de mão de obra escrava e dificuldades de comunicação com outras regiões economicamente ativas da colônia. A produção agrícola era pequena, pouco sobrando dos gastos da família, para vendas e trocas. O comércio dos excedentes era rudimentar, consistindo nas trocas feitas com viajantes que se encaminhavam para Minas, Parati, Ubatuba e São Paulo. (Cf. HERRMANN, 1986, p. 21)

Tal cenário modificar-se-ia ao final do século XVIII, quando as culturas da cana de açúcar e do algodão chegaram à região. O vínculo com o mercado externo promoveu alterações na dinâmica populacional e na estrutura da posse de escravos da localidade. Em 1805, foram registrados 66 senhores de engenho, sendo a população escrava 23% do total da população rural em 1805. (Cf. HERRMANN, 1986, p. 59)

Conforme o Levantamento dos Bens Rústicos de 1818, naquele ano foram localizadas 404 propriedades em Guaratinguetá, com área média de 216,63ha ou aproximadamente 89,5 alqueires, sendo a menor propriedade de 0,004 alqueires e a maior de 14.400 alqueires.⁴ Com tamanha disparidade, o índice de Gini foi calculado em 0,9. (NOZOE, 2008, p. 218)

E é nesse contexto de avanço da produção açucareira que estão nossas mulheres chefes de fogo.

AS MULHERES CHEFES DE FOGO

Apresentamos aqui os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito do HERMES & CLIO – Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica do Departamento de Economia da FEA/USP. Tal pesquisa conta com o apoio do PUB – Programa Unificado de Bolsas da USP, e contou com a participação da aluna Beatriz Caroline Ottoboni Antunis Ribeiro na fase de coleta e tabulação dos dados.

No momento em que as tabelas ora apresentadas foram geradas, o levantamento de dados ainda estava em curso. Naquela ocasião, a coleta dos informes já havia atingido cerca de 60% da lista nominativa escolhida, a de 1809. A Figura 1 mostra o cabeçalho da primeira página dessa lista, que ao todo contém 293 páginas, nas quais os domicílios de seus mais de seis mil habitantes foram relacionados.

A população total da vila foi calculada em 6.115 habitantes, dos quais 3.868 brancos (63,2%), 1.269 pretos (20,8%) e 978 mulatos (16,0%). Todavia, quando os informes são

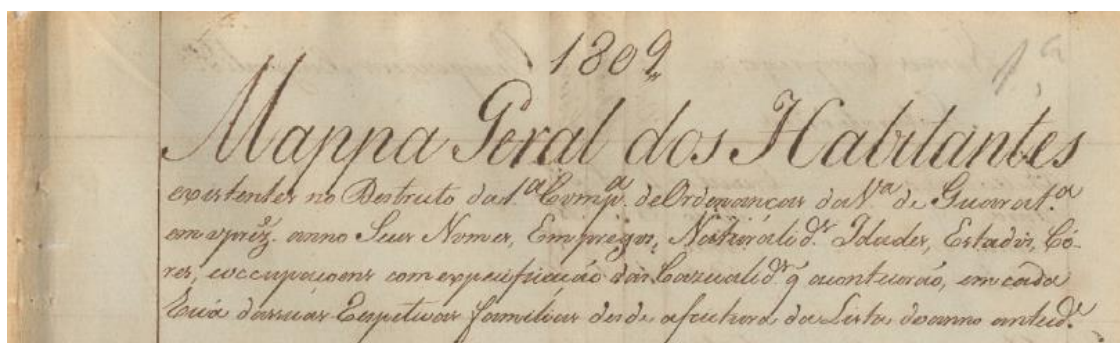
⁴ Tomando como base o alqueire paulista, de 24.200m².

apresentados de forma desagregada, os valores somados não totalizam 6.115, mas 6.111. Considerando esse último valor, a população livre somou 4.588 (75,1%) e a cativa 1.523 (24,9%).

Ao iniciar-se a coleta de dados, encontramos o que já era esperado: eram muito poucos os domicílios chefiados por mulheres. Os primeiros fogos da lista nominativa são todos chefiados por homens. A primeira mulher chefe de fogo somente foi localizada no fogo de número 42 da primeira companhia de ordenanças. Trata-se de dona Antonia de Araújo, natural da própria vila de Guaratinguetá.

Por ocasião do levantamento populacional de 1809, dona Antonia tinha 78 anos, era viúva e branca. Vivia em companhia das filhas, Ana, com 37 anos; Rita, com 36, e Marianna, uma exposta de 17 anos. Todas brancas e solteiras. Além delas, também viviam no domicílio cinco escravas: Quitéria, Formozia, Francisca, Jacintha e Gertrudes, todas crioulas, com idades variando entre 47 e 5 anos de idade. Como anotado pelo recenseador, as mulheres viviam de suas criaturas e de fiar algodão. O fato de aparecer registrada como *dona* e possuir cinco escravas nos faz acreditar tratar-se de pessoa respeitada na vila, status que talvez tenha sido alcançado por conta de seu falecido marido.

Figura 1 – Cabeçalho da Lista Nominativa. Guaratinguetá, 1809.



Analisando apenas a população feminina, vemos que as mulheres respondem por 53,1% da população total, somando 3.243. Dessas, 2.564 (79,1%) eram livres e 709 (21,9%)

cativas. Conforme as Tabelas 1 e 2, observamos que em sua maioria tratam-se de mulheres solteiras, que respondem por 64,4% do total feminino da localidade. As casadas somam 28,3% e as viúvas 7,3%.

Tabela 1 – População feminina segundo cor e condição social.
(em porcentagem)

Cor/condição	Solteiras	Casadas	Viúvas	Totais
Branças	1.316	635	163	2.114
Pretas livres	25	17	2	44
Pretas cativas	346	163	18	527
Mulatas livres	260	83	33	376
Mulatas cativas	140	21	21	182
Totais	2.087	919	237	3.243

Fonte: Lista nominativa de habitantes. Guaratinguetá, 1809.

Considerando agora apenas as chefes de fogo compiladas por nosso levantamento parcial da lista nominativa, temos que até o presente momento da pesquisa foram localizadas 119 chefes de fogo. Em sua maioria, tratam-se de mulheres viúvas, como dona Antonia de Araújo, que provavelmente assumiram a chefia de seus domicílios por conta da morte de seus cônjuges.

Tabela 2 – População feminina segundo cor e condição social.
(em porcentagem)

Cor/condição	Solteiras	Casadas	Viúvas	Totais
Branças	62,3%	30,0%	7,7%	100,0%
Pretas livres	56,8%	38,6%	4,5%	100,0%
Pretas cativas	65,7%	30,9%	3,4%	100,0%
Mulatas livres	69,1%	22,1%	8,8%	100,0%
Mulatas cativas	76,9%	11,5%	11,5%	100,0%
Totais	64,4%	28,3%	7,3%	100,0%

Fonte: Lista nominativa de habitantes. Guaratinguetá, 1809.

Em nossa amostra, essas viúvas correspondem a 65,5% do total das chefes de fogo, porcentagem bem elevada se compararmos com o total de viúvas na população feminina total, que alcançou tão somente 7,3%. Ao lado dessas viúvas, também foram identificadas mulheres solteiras e casadas chefes de fogo, representando, respectivamente, 31,1% e 1,7%. Não foi possível identificar o estado conjugal de duas mulheres. Tais números são apresentados na Tabela 4.

Em cerca de trinta por cento desses domicílios chefiados por mulheres notamos a presença de cativos. Em números absolutos, temos 39 (32,8%) mulheres chefes de fogo proprietárias de escravos, e 80 (67,2%) não proprietárias. Considerando apenas as proprietárias de escravos, observamos, conforme apresentado pela Tabela 5, que em sua maioria tratam-se de viúvas. Tal resultado já era esperado, tendo em vista a representatividade das viúvas em nossa amostra de mulheres chefes de domicílio.

Tabela 4 – Mulheres chefes de domicílio. Guaratinguetá, 1809.

Estado conjugal	Número	%
Casadas	2	1,7%
Solteiras	37	31,1%
Viúvas	78	65,5%
Não identificado	2	1,7%
Total	119	100,0%

Fonte: Lista nominativa de habitantes. Guaratinguetá, 1809.

O maior plantel de escravos era da viúva Ignes Gonçalves da Cruz. Também moradora da primeira companhia de ordenanças, dona Ignes vivia em companhia das filhas Anna e Escolástica, respectivamente com 37 e 36 anos de idade, ambas brancas e solteiras. Sua escravaria era composta pelos cativos Antonio, Faustino, Manuel, Marianna, Inacia, Ivanna, Francisca, Barbara, Andreza, Catharina, Felisberta e Anna, com idades que variavam entre os 60 e os 12 anos. No domicílio observamos o cultivo de gêneros de

subsistência “*para seu gasto*”, sendo colhidos naquele ano um total de 100 alqueires de milho, 20 de feijão, 25 de arroz, além da produção de 45 alqueires de farinha.

Tabela 5 – Mulheres chefes de domicílio proprietárias de escravos consoante estado conjugal. Guaratinguetá, 1809.

Estado conjugal	Número	%
Casadas	1	2,6%
Solteiras	8	20,5%
Viúvas	30	76,9%
Total	39	100,0%

Fonte: Lista nominativa de habitantes. Guaratinguetá, 1809.

Ao todo, essas mulheres possuíam 138 cativos. Ao analisar a estrutura da posse de escravos, vemos que, na maioria dos casos tratam-se de posses pequenas, sendo os mais frequentes aquelas escravarias compostas por até quatro elementos. Como apresentado na Tabela 6, foram identificados 12 plantéis unitários, sendo esses correspondentes a 30,8% dos plantéis e 8,7% dos escravos.

Tabela 6 – Estrutura da posse de escravos das mulheres chefes de domicílio. Guaratinguetá, 1809.

Faixa de tamanho de escravaria	Proprietários	%	Escravos	%
1	12	30,8%	12	8,7%
2-4	16	41,0%	47	34,1%
5-9	9	23,1%	57	41,3%
10-19	2	5,1%	22	15,9%
Total	39	100,0%	138	100,0%

Fonte: Lista nominativa de habitantes. Guaratinguetá, 1809.

Um desses plantéis unitários era de Rosa de Sá, moradora do fogo de número 25 da segunda companhia de ordenanças. No momento do levantamento, Rosa era uma viúva de 77 anos, que vivia na companhia de apenas da escrava Marcelina, uma crioula de 47

anos. Viviam de fiar algodão, sendo registrado pelo recenseador que na relação ficou faltando o escravo Adam, que havia sido dado pela chefe do fogo a Maria de Sá, possivelmente filha de Rita.

A segunda faixa, correspondente aos plantéis de 2 a 4 cativos, concentrava 16 escravarias e 47 escravos, respectivamente 41,0% e 34,1% do total de plantéis e cativos. Em seguida, nossa terceira faixa, a dos plantéis de 5 a 9 elementos. Essas somam nove, e representam 23,1% dos plantéis e 41,3% dos cativos. E por último, os plantéis de 10 a 19 escravos, que somam 5,1% das escravarias e 15,9% dos escravos.

Detentora de um plantel de quatro cativos, Marianna Gertrudes era moradora do fogo de número 50 da terceira companhia de ordenanças. Viúva de apenas 44 anos, vivia na companhia de sete filhos, com idades variando entre os 19 e 2 anos. Os quatro cativos eram Damiam, de 34 anos, Maria, com 43 anos, Francisca, com 24 anos e Rita, com 18 anos. Em sua propriedade, Marianna possuía um engenho, que naquele ano não havia fabricado nem açúcar, nem aguardente. Os gêneros produzidos totalizaram 40 alqueires de milho, 10 de feijão, e 20 de arroz, sendo consumidos na própria propriedade.

Com uma escravaria um pouco maior, vivia no fogo de número 27 da segunda companhia de ordenanças Ignacia de Sá, solteira, branca e com 52 anos de idade. Em sua companhia vivia a afilhada Anna, de 20 anos, também branca e solteira, sendo ambas naturais de Guaratinguetá. Além das duas mulheres, viviam no mesmo fogo os cativos crioulos Simão, de 75 anos, Benedita, de 21 anos, Vicente, de 16 anos, Francisco, de 13 anos e o recém nascido Silvério, de apenas seis meses.

Segundo as informações registradas, o domicílio plantava mantimentos para o seu gasto, tendo sido colhidos naquele ano 8 alqueires de milho, 5 alqueires de feijão, 3 alqueires de algodão, além da produção de 4 alqueires de farinha. Infelizmente não há registros sobre o grau de parentesco dos cativos desse plantel, todos registrados como sendo solteiros, e nem se há relação de parentesco entre Ignacia e Rosa de Sá, moradora do fogo de número 25 da segunda companhia de ordenanças.

Nos chamou a atenção a presença de quatro mulheres com sobrenome *de Sá* em nossa relação de mulheres chefes de fogo. Além de Ignacia e Rosa, chefiavam domicílios Maria

de Sá e Anna Maria de Sá. Com exceção dessa última, todas moravam na segunda companhia de ordenanças, em domicílios próximos, como se pode atestar pela numeração dos fogos. Rosa foi recenseada como moradora do fogo de número 25; Maria no de número 26 e Ignacia no de número 27. Já Anna Maria vivia no fogo de número 58 da primeira companhia.

Como foi mencionado anteriormente, não consta da documentação registro sobre o possível grau de parentesco entre essas mulheres. Todavia, podemos supor que se tratasse de uma mãe e suas três filhas. A mãe era viúva, já as filhas eram solteiras. Todas chefes de domicílio na Guaratinguetá de 1809. Com exceção de Anna Maria, todas eram proprietárias de escravos, sendo a maior dessas escravarias e de cinco elementos pertencente Ignacia. Rosa, a mãe, possuía apenas um escravo; e Maria, 2.

O caso das mulheres da família Sá demonstra as potencialidades do estudo proposto. Por meio da identificação e acompanhamento das mulheres chefes de domicílio podemos desvendar e melhor compreender as dinâmicas de nossa sociedade oitocentista. Pouco sabemos sobre elas, mas a partir de sua identificação na lista, é possível buscar por informes em outras listas nominativas e até em outras fontes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado anteriormente, no presente artigo apresentamos alguns resultados parciais de uma pesquisa em andamento, cujo foco é o estudo das mulheres chefes de fogo a partir da lista nominativa de Guaratinguetá em 1809.

O levantamento da lista nominativa de Guaratinguetá constitui a primeira etapa de um projeto maior, que tem como objetivo o estudo das mulheres chefes de domicílio em outras localidades paulistas na primeira metade do século XIX. Findo o levantamento de dados, nosso esforço será o de selecionar algumas mulheres e acompanhá-las longitudinalmente, a fim de melhor compreender suas trajetórias.

Até o presente momento foi possível perceber a riqueza da fonte e os possíveis desdobramentos a partir dos informes coletados. Espera-se que com a conclusão da

pesquisa possamos traçar um perfil mais detalhado das mulheres chefes de domicílio, suas atividades econômicas, estrutura da posse de escravos e produção agrícola.

As tabulações ora apresentadas sumarizam o primeiro esforço analítico a partir do banco de dados elaborado, feitas com o intuito de explorar, antes mesmo de terminado o trabalho de coleta de dados, o que acreditamos ser um recorte importante de nossa sociedade passada. As mulheres que chefiavam seus domicílios, numa sociedade patriarcal e conservadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL. 100 anos do Arquivo Histórico Municipal: um olhar sobre um precioso acervo. **Informativo do Arquivo Histórico Municipal**, n. 14, p. 1–15, 2007.

HERRMANN, L. **Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezandos anos**. IPE/USP ed. São Paulo: IPE/USP, 1986.

NOZOE, N. H. **A apropriação de terras rurais na Capitania de São Paulo**. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2008.

SAMARA, E. DE M. Mulheres Chefes de Domicílio: uma análise comparativa no Brasil do século XIX. **Anuário del IEHS**, v. VII, p. 167–179, 1992.